

HUMANISMO E CONTEMPORANEIDADE

Pe. Konings¹

APRESENTAÇÃO

Inicialmente, gostaria de lembrar três tipologias do humanismo: (a) o humanismo em sentido abrangente, como atitude de valorização da pessoa humana; (b) humanismo histórico, movimento cultural ligado à Renascença e às novas descobertas e saberes do início da Era Moderna; (c) o humanismo exclusivista, ou ateu, pensamento antropocêntrico radical, que procura fazer do ser humano a última referência de nossa mundividência, em detrimento da referência ao Transcendente. Porém, tratar da questão de humanismo e ateísmo, como o têm feito Henri de Lubac, Jacques Maritain e, entre nós, Alceu Amoroso Lima e Gustavo Corção, nos afastaria demais daquilo que pretendo desenvolver: o papel de um humanismo amplo na formação humana hoje. Deixo registrado que meu pensamento se move dentro da tradição do humanismo cristão, com abertura universal. E considero que um humanismo sem abertura ao Transcendente é um empobrecimento, pois, a meu ver, a perspectiva da transcendência não trunca, mas abre a mente humana.

O HUMANISMO NA HISTÓRIA

O humanismo cristão formou profundamente a cultura ocidental. Não podemos deduzir essa mundividência a partir de um antropocentrismo radical, para o qual se invocam o sofista Protágoras (“O ser humano é a medida de todas as coisas”) ou o autor Terêncio (“*Nihil humanum alienum a me puto*”, na comédia “O torturador de si mesmo”), pois o que Terêncio entende por humano não é sempre a melhor das coisas.

¹ Johan Konings nasceu na Bélgica em 1941, onde se tornou Doutor em Teologia pela Universidade Católica de Lovaina, ligado ao Colegio para a América Latina (Fidei Donum). Veio ao Brasil, como sacerdote diocesano, em 1972. Foi professor de exegese bíblica na Pontifícia Universidade Católica de Porto Alegre (1972-82) e na do Rio de Janeiro (1984). Em 1985 entrou na Companhia de Jesus (jesuítas) e, desde 1986, atua como professor de exegese bíblica na FAJE - Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, em Belo Horizonte, onde recebeu o título de Professor Emérito em 2011. Participou da fundação da Escola Superior Dom Helder Câmara

Creio antes que o socratismo, o aristotelismo e o estoicismo, que marcaram também a Idade Média, sobretudo no tomismo, acentuaram o papel central da pessoa humana na percepção do mundo e na projeção da ação humana (inclusive na política). Quando, então, no fim da Idade Média, a atenção sobre a pessoa humana começa a ser enfatizada e tematizada, não se deve ver aí tanto uma revolução copernicana (Copérnico explicou que não é o sol que gira em torno da terra, mas o contrário), e sim, um deslocamento de acento.

A valorização do humano não começou por volta de 1400 dC. Já está presente na Bíblia. Não é impressionante ler, em textos de quinhentos anos antes de Cristo, expressões como as que se seguem?

Que é o homem, para que te lembres dele? Que é o ser humano, para que te preocupes ele?
 Contudo, fizeste-o quase como um deus e encheste-o de honra e dignidade.
 Deste-lhe autoridade sobre as tuas obras, tudo colocaste sob o seu poder:
 (Sl 8,5-7)
 Deus disse: "Façamos o ser humano à nossa imagem e semelhança. Que ele tenha poder sobre os peixes do mar e as aves do céu, sobre os animais domésticos e selvagens e sobre todos os bichos que se movem sobre a terra." Deus criou então o ser humano à sua imagem; ele o criou homem e mulher.
 (Gn 1,26-27)

A intuição de que o ser humano resplandece algo divino permitiu aos primeiros cristãos dizerem que Jesus foi a imagem perfeita de Deus (Heb 1,3; 2Cor 4,4). Esta afirmação supõe que houve uma imagem imperfeita, a saber, o ser humano, homem e mulher, que na Bíblia recebem o nome de Adão (o da terra) e de Eva (a da vida). Uma lenda na segunda página da Sagradas Escrituras conta que Deus lhes confiou a sua chácara para eles cuidarem, fazer a irrigação etc. Instaurou, porém, um limite: Adão e Eva podiam comer de todas as frutas, especialmente da árvore que tinha o lugar mais importante e que se chamava a árvore da vida, mas Deus interditou a árvore do saber do bem e do mal, pois esse saber precisa da chancela de Deus. Porém, o fruto do outro lado da cerca parecia melhor, sobreveio um bicho rasteiro [...] e o ser humano tentou ser igual a Deus, mas se viu nu [...]. Refletindo sobre isso, um dos primeiros teólogos cristãos, S. Ireneu, sugere que Adão foi o rascunho e que Jesus é Adão passado a limpo. Diz a Carta aos Hebreus (4,15): "Jesus foi

experimentado humanamente como todos nós, mas não pecou – pois pecar não é bem humano [...]”.

O humanismo bíblico acentua o valor e a responsabilidade da pessoa humana, de cada um em particular (Ez 18). Cada um é responsável por seus erros, mas Deus lhe oferece a graça do perdão e da salvação. Isso entra em colisão com certo modo de pensar moderno, exacerbado por Rousseau, que vê no ser humano sobretudo uma inocência original: está bom, só precisa ser bem educado. A Bíblia me parece mais realista: trazemos de nosso nascimento alguns vírus que devem ser constantemente combatidos.

Para insistir na responsabilidade ética, a Bíblia constata a onipresença da falta, mas acentua a possibilidade de melhora, graças a Deus. Ou seja, Deus é maior que nosso coração (1Jo 3,20). Os profetas insistem na responsabilidade ética de cada um, e o maravilhoso Salmo 139 (“Senhor, tu me sondas”) expressa de outro modo o valor que a pessoa humana tem aos olhos de Deus. O estar diante da face de Deus é que dá ao homem bíblico a sua personalidade, tanto na justiça como no pecado. E creio que isso é mais realista, portanto mais humano, do que esconder a imperfeição ou incompletude humana, como muitas vezes se tenta fazer.

Poderíamos ainda estender nossa reflexão sobre os escritos sapienciais, Jó, o Eclesiastes, Ben Sira, o livro da Sabedoria, e o Cântico dos Cânticos, que nos conta sobre o mistério do eros que une esse homem e mulher que são imagem e semelhança de Deus. Muito mais que em Terêncio, é na Bíblia que encontramos o sentido verdadeiro do “*nihil humanum alienum a me puto*”.

Desde os primeiros contatos com o mundo greco-romano, os cristãos se viram confrontados com a cultura helenística ambiente. Já o evangelista Lucas demonstra apreço positivo pelos valores humanos desse ambiente, descrevendo com sensível simpatia o centurião romano (Lc 7,1-10) ou, mesmo, a curiosidade dos atenienses (At 17). Contudo, a fé cristã não busca uma assimilação ao mundo dos ‘gentios’. Os escritos de João e de Paulo acentuam a distância em relação aos poderes deste mundo (Jo 15,19; Col 2,20; Ef 6,12). O cristão não deve serventia alguma a este mundo; seu Senhor é Cristo, enviado de Deus e confirmado por Deus na ressurreição. Entretanto, o mundo é destinatário da mensagem do Reino de Deus e de seu amor.

Decerto, não faltaram, desde cedo, teólogos que mostraram profunda desconfiança em relação ao mundo: Tertuliano, e em parte também Agostinho, influenciado pelo dualismo. Porém, já a Didaqué e Justino Mártir dialogam com naturalidade com a cultura helenista, e Clemente de Alexandria, Basílio, Gregório de Nazianze tiram do helenismo todo o sumo que conseguem aproveitar. Os monges depois deles não esqueceram o amor às letras. No redemoinho das invasões bárbaras salvaram a cultura antiga e cristã. (Por isso, o cardeal Ratzinger, quando eleito papa, adotou o nome de Bento e logo proclamou o santo e erudito monge padroeiro da Europa.).

Esses teólogos julgaram providencial que a Palavra de Deus, Jesus de Nazaré, se encarnasse no tempo em que por toda a parte se falava a língua grega, a língua dos filósofos. Eles viram nos valores da cultura helenista sementes do Reino de Deus e nos ensinam a olhar do mesmo modo a nossa cultura ambiente. Como já disse Paulo: “Ponderar tudo e ficar com o que é bom” (1Ts 5,21).

Foi do encontro da revelação bíblica com a cultura helenista que brotaram a teologia e a liturgia cristãs. Esta flor ornamentou as escolas das catedrais e dos mosteiros, de onde, a partir do século XII, surgiram as universidades. Os aristotélicos como Abelardo e Tomás de Aquino coroaram esta abertura a tudo quanto a humanidade tem de valioso. Sem esquecer a linha contemplativa, bastante neoplatônica, com sua atenção ao Belo.

Com a Renascença e as descobertas do início da Idade Moderna, surgiu o desejo de estruturar melhor a educação e de incluir nela todo o novo saber. Lembro os nomes de Petrarca, Nicolau de Cusa, Erasmo, Budé, Thomas More, o cardeal Pole, o humanista espanhol Vives, que teve sua casa queimada pela Inquisição, e o próprio Lutero e seu seguidor Melanchton.

O humanismo clássico foi, por excelência, educativo. Por um lado, a *paideia* helenista, junto com a valorização da Bíblia nos idiomas originais, levou a que se privilegiasse o estudo das línguas. Achava-se, inclusive, que as gramáticas latina e grega eram excelentes para formar a mente e o raciocínio, sobretudo quando combinadas com a matemática e a geometria. E o estudo dessas línguas servia ao mesmo tempo para instilar o socratismo, a ética estoica de Cícero e a história das civilizações antigas. Pois a história era considerada *magistra vitae*. Os matemáticos, físicos, geógrafos introduziram as ciências que mais tarde seriam chamadas de

“exatas”. Criou-se assim, com decisiva influência dos Jesuítas, um programa de estudos destinado a transformar os jovens em cristãos e cidadãos exemplares: mais humanos, *humanior* em latim. Daí o nome de “*humaniora*”, ou também “*les humanités, humanidades*”. E tudo isso “*ad maiorem Dei gloriam*”.

Assim, a formação humana foi assentada no duplo eixo de Ciências e Letras, e em muitos países continua até hoje a convicção de que estes dois ramos do saber devem ficar unidos. Por isso, fico sempre feliz quando um engenheiro ou um matemático me confessa que gostaria de se dedicar mais à literatura ou à filosofia. E quanto aos literatos, é bom lembrar que Pedro Nava, Guimarães Rosa, Euclides da Cunha, todos eles vêm das Ciências. Cito isso, porque o humanismo pedagógico-escolar procurava formar a pessoa completa, para que ocupasse seu lugar de cidadão como pessoa bem integrada, familiarizada com todas as dimensões da vida. Inclusive o esporte, segundo o adágio “*mens sana in corpore sano*”. (Só quando extrapola, o esporte provoca loucura, principalmente nos torcedores.).

No século XIX, porém, o conteúdo das Ciências empíricas e exatas se tornou tão amplo, e sua praticidade, tão mais atraente que a das Letras, que se produziu o divórcio de Ciências e Letras. Ciências Exatas e Empíricas por um lado, Ciências Humanas por outro (como se as primeiras não fossem humanas e as humanas não precisassem ser exatas.). Hoje percebemos que a emancipação e dominância das Ciências exatas, sobretudo em sua forma aplicada, está intimamente ligada a tendências utilitaristas, mercantilistas e capitalistas. O sufoco por que passam as Ciências Humanas pode ser o outro lado da mesma moeda.

Outra ruptura que aconteceu, já a partir do século XVIII, foi entre humanismo e fé religiosa. Surgiu o humanismo agnóstico e às vezes expressamente antirreligioso ou ateu. Julga-se a ideia de Deus contrária à liberdade humana. Isso é um debate amplo demais para esta noite, mas quero lembrar algumas respostas atuais. Jacques Maritain viu no humanismo que ele chama de “integral”, isto é, aberto ao Transcendente, um antídoto contra os “absolutos” e os ídolos do antropocentrismo radical; e, contemporâneo de duas guerras mundiais, ele sabia de que estava falando! Mais penetrante, porém, é a visão de Emmanuel Levinas, que reage profundamente contra a egolatria da Modernidade e contra o humanismo centrado em torno do Ego. Sua proposta é o “humanismo do *outro* homem”, aquele que a mandamento bíblico do amor chama de “próximo”. É um humanismo em que não o

Eu se torna a medida de todas as coisas, mas o outro, que me afeta, me fere, com um apelo que é um vestígio de Deus que passa e que nunca podemos ver de rosto, só de costas. É um humanismo em que o centro não sou Eu, nem a minha subjetividade, mas ou outro ser humano, que desde sua carência me dirige o apelo que me dará minha verdadeira identidade como próximo e como ser para o outro. O apelo do outro me torna pessoa ética, e para Levinas ser humano é ser ético. Esta visão, porém, não é a dominante em nossa contemporaneidade!

A visão ampla que acabo de apresentar significa que o humanismo não consiste em primeiro lugar em estudar latim e grego, mas na abertura a tudo o que é verdadeiramente humano e ao divino no humano.

Por outro lado, porém, não podemos esquecer que diversos pensadores consideram que, no momento atual, o humanismo está ultrapassado. Não só no sentido do estruturalismo anti-humanista, que considera a pessoa apenas como agente dentro de um processo que se desenvolve no nível das estruturas. Num outro sentido, fala-se em pós-humanismo e trans-humanismo tendo em vista a transformação tecnocientífica da própria pessoa humana. E, por que não, a marginalização ou, mesmo, a eliminação da pessoa humana como nós a conhecemos por inteligências não humanas, como a ficção científica abusa em apresentar.

Por enquanto, todavia, vejo ainda uma grande tarefa para o humanismo tradicional em desenvolver a dignidade do ser humano, porém, num sentido menos individualista que o humanismo clássico. Um humanismo para todos, um humanismo pé no chão, e isso, através da educação. Especialmente, um humanismo para os pobres. A vida não é uma propriedade a ser guardada, mas um dom a ser repartido. O humanismo não deve ser uma exaltação do próprio eu, mas uma descida até meu irmão mais abandonado. Fazendo isso é que sou verdadeiramente humano e não me afasto daquilo que é humano. E num mundo que esbanja os produtos do mercado, o pão dos pobres é o pão da educação.

A VOCAÇÃO DO HUMANISMO HOJE

Alastrou-se tragicamente, no séc. XX, a desintegração no campo do saber e da cultura. E essa desintegração continua se intensificando no séc. XXI. O saber

creceu tanto que ninguém ainda consegue colocá-lo todo em sua cabeça. E muitos nem veem o problema que isso causa, pois agora temos a memória externa: a informática. Por outro lado, porém, percebemos que os médicos já não conhecem a pessoa, mas só partes dela. Que os advogados são especializados em questões muito particulares que, às vezes, pouco tem a ver com a justiça. Que os engenheiros têm dificuldade em perceber a totalidade da obra, o que pode resultar em desproporção entre os fundamentos e a construção – e outras coisas mais.

Além do esfacelamento, temos a tecnocracia. O problema não está na técnica, a arte, mas na *cracia*, o domínio (do grego *krateia*). A técnica, em vez de ser instrumento, se torna mestra, toma o lugar do saber gratuito que é a base da verdadeira Ciência. Assim como, por volta de 1400, um desdobramento de novas possibilidades fez surgir o humanismo clássico no seio da Modernidade, estamos hoje às voltas com a revolução técnico-científica. Mas, em vez de gerar um humanismo, a revolução ou mutação atual arrisca fazer-nos perder a cabeça. No seu livro **A Terceira Onda**, dos anos 1990, Alvin Toffler acreditava piedosamente que a informática simplificaria nossas vidas, que faríamos nossos trabalhos sem deslocar-nos diariamente às oficinas e escritórios, que não haveria mais engarrafamentos, que economizaríamos papel, diminuiríamos o uso de matérias primas. Esqueceu, entretanto, de que os mesmos meios técnicos que deveriam provocar essas melhoras iam ser dominados por quem desejasse multiplicar seus lucros em base de produções supérfluas. Não imaginou que haveria mecanismos de defesa e proteção, de espionagem e de chantagem e não sei mais quê.

Além disso, as novas tecnologias – que todos nós usamos com muito proveito– modificam o modo de aquisição e de integração do saber. Em vez da memorização, a visualização; em vez da análise, o resultado imediato. Em certo sentido, ficamos mais burros. E mais dependentes. Dependentes de baterias, conexões, *bytes*, viciados na telinha. Ciberdependentes. Que droga!

Claro, não desprezo as possibilidades da comunicação eletrônica, da nanotecnologia, da cirurgia a distância, nem das demais conquistas úteis para a humanidade. Elas melhoram nossa vida humanamente, libertam-nos para convivência melhor, serviço mais eficaz etc. Mas devemos reconhecer, lucidamente, as consequências: a transformação, ou melhor, a mutação cultural que tudo isso produz. A “geração z”.

Existe uma interação dialética entre as novas possibilidades tecnocientíficas e o modo de viver das pessoas. As tecnologias criam um novo mundo e um novo comportamento, que por sua vez inspira novas tecnologias. O importante é perceber com clareza, e sem moralismo, como nossa vida mudou e continua mudando. E perguntar: é melhor do ponto de vista do humanismo, ou pior? E se for pior, como vamos reagir, resistir, corrigir ou até transformar a estrutura dinâmica que nos enredou? Não numa atitude negativa, inimiga, mas vigilante e pronta para interagir. E para isso é preciso educação.

Diante do caos da educação na sociedade ocidental, e especialmente no Brasil, sentimos que está na hora de sair da passividade e de convocar a sociedade civil para uma ação consciente em favor do mais precioso patrimônio que temos: nossos jovens, nossos filhos. Senão, vão acabar denunciando a educação no país diante da ONU por crime contra a humanidade.

Para mim, humanismo no Brasil hoje significa: humanização pela educação. A educação sempre foi a força das grandes civilizações: a *hokmá* dos hebreus, a *paideia* dos gregos, a *sapientia* latina e medieval, a *humanidade* moderna. Hoje significa: tratar de sair do colete de força da racionalidade instrumental e técnica que marcou o mundo ocidental nos últimos séculos e conduziu ao esvaziamento humano que estamos presenciando. Não por ser desprezível essa racionalidade, mas por ela ter saído de seu papel de instrumento e ter-se imposto como racionalidade única e universal – o que ela não é.

Sentimos uma inquietude que nasceu não apenas da observação de certa decadência intelectual (constatável ao revisar trabalhos de alunos em nível de pós-graduação!), mas, antes, da crescente inumanidade de nossa sociedade e da insustentabilidade do atual sistema de educação e ensino em geral, especialmente no degrau básico e fundamental. Ou será que devemos interpretar como mero fenômeno meteorológico a impossibilidade de dar aula, o estresse e absenteísmo visivelmente crescentes dos professores, sobretudo no ensino público fundamental. Quer nos parecer que uma mesma falha está na base da fraqueza da pós-graduação e do caos da escola fundamental: a falta de formação humana, a ausência de educação equilibrada e humanizante.

Como se pode tolerar que adolescentes terminem a nona série sem saberem ler a instrução de um cartão de débito? Que tenham vida sexual ativa, mas não

parecem saber que daí possam surgir crianças, e nem sabem o que fazer se de repente aparecem. Jovens que não têm perspectiva de entrar no Ensino Médio, quer porque suas condições sociais não o permitem, quer porque foram enganados e sempre “passaram”, sem nunca ter aprendido nada? Seu sonho de futuro limita-se a ser astro de futebol ou chefe do tráfico.

Uma transformação do ensino e da mentalidade dos responsáveis é necessária. Citando quem tem experiência no ensino fundamental, elenco alguns objetivos de tal transformação:

- ajudar os alunos a reconhecerem as suas características essenciais, e como usá-las de forma integrada;
- favorecer a percepção dos mecanismos geradores de vida; das causas e consequências do atrofamento da vida, como também dos meios mais humanos de participação e recuperação;
- abrir horizontes para os(as) adolescentes no que se refere a uma organização responsável de seu projeto de vida;
- favorecer o(a) adolescente na busca de identidade como pessoa, na condição de ser individual e na compreensão básica da sexualidade;
- favorecer a percepção da relação entre ciência, política, economia, cultura, religiosidade, valores universais etc.
- oferecer elementos que possibilitem o reconhecimento do fenômeno religioso nas várias culturas; facilitar a compreensão do significado das tradições religiosas e proporcionar os fundamentos para a valorização da própria crença e para o respeito à crença dos outros;
- proporcionar o conhecimento dos mestres e líderes da humanidade e seus principais ensinamentos;
- favorecer a consciência da responsabilidade em torno da questão ecológica e da preservação da vida em geral;
- desenvolver a capacidade de pensar, sentir e agir em coerência com a própria personalidade;
- incentivar a participação na construção da sociedade concebida como comunidade humana, onde a atenção e o respeito à dignidade da pessoa humana sejam constantes;
- educar para a liberdade.

Eis algumas metas da humanização necessária. Não se entenda, portanto, a formação humana, hoje, como reprodução do humanismo erudito dos colégios jesuítas ou do humanismo iluminado das escolas públicas padrão da República. Querer reproduzir isso seria tão inteligente quanto tentar relançar o Fusca depois da interrupção da produção. Penso antes no cultivo de valores humanos pé no chão, praticáveis no cotidiano de todo mundo, especialmente de quem vive nos arrabaldes de nossas metrópoles ou procura sobreviver no interior e no campo. Valores que se mostrem, ao mesmo tempo, essenciais e indispensáveis, também para os filhos das classes abastadas, desde que tenham a humildade de reconhecer que são da mesma carne e sangue que seus irmãos nas favelas e nos acampamentos dos sem-terra e dos sem-teto.

Trata-se de um humanismo pé no chão. De valores humanos como sejam o amor à verdade, a busca da justiça, a honestidade, a solidariedade, os elementos da cidadania, o senso estético, o gosto pelo estudo etc. Mas também coisas bem próximas da pele de cada um, como os cuidados físicos, médico-higiênicos e alimentares, o cuidado pelo meio ambiente, o desenvolvimento afetivo e sexual, as relações familiares e comunitárias, as atitudes necessárias para a vida, as perguntas existenciais. Numa palavra: as dimensões física, afetiva, social e espiritual dos alunos.

É preciso incluir, não só de modo transversal, mas também em disciplinas curriculares plenamente valorizadas e respeitadas, uma formação específica que abra aos alunos as portas para a humanização e eleve o quilate de sua humanidade. Não pensemos que nossas escolas são tão maravilhosas que os valores humanos se transmitirão transversalmente: se eles não forem ensinados expressamente, serão como cachorro deixado aos cuidados de todo mundo: morre de fome. E, se esses valores devem constar do ensino, é preciso também formar professores para tanto. É neste sentido que me atrevo a pronunciar, neste recinto e nesta oportunidade, o desejo de que a Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais abra os devidos cursos – licenciatura, pós-graduação?– para atender a essa necessidade urgente e, ao mesmo tempo, use de sua influência para que esse humanismo educativo e social se torne exigência curricular no ensino nacional do Brasil.

Embora plenamente consciente do efeito das estruturas – econômicas, sociopolíticas e culturais –, julgo, em nome do humanismo, que uma sociedade melhor se forma com *pessoas* melhores. E o instrumento para isso é a educação.